

## **ESPONTANEIDADE X CRIATIVIDADE: E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO FORMAL.** Peticia Machado de Carvalho, Luiza Helena da Silva Christov - Educação – Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas – Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação – Instituto de Artes – Campus São Paulo.

A presente pesquisa volta-se para o estudo da experiência em arte-educação com jovens e adultos. O objetivo é fazer uma análise comparativa sobre a influência da aprendizagem escolar – a alfabetização, o processo de construção do pensamento abstrato e reflexivo – na criação artística; levantando as diferentes características perceptíveis durante os trabalhos artísticos, estabelecendo relações com o nível de aprendizado das turmas e de cada aluno individualmente, não desprezando os múltiplos fatores que envolvem os trabalhos com as turmas em questão. Esta pesquisa desenvolveu-se com duas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Faria Lima, na cidade de São Paulo. As turmas eram divididas entre: 1ª/2ª série (turma A) e 3ª/4ª série (turma B), ambas com vinte alunos.

Dentro das linguagens artísticas utilizadas, plástica e cênica, buscou-se a exploração, leitura e compreensão de imagens; desenvolvendo noções de organização, síntese e composição. As primeiras experiências foram desenvolvidas através de organizações temáticas feitas pelos alunos com objetos que eles tinham em sala de aula. Percebeu-se com estas atividades uma organização mais despreocupada na turma A, assim como muita experimentação - cada aluno desfaz a proposta do outro e constrói a sua própria -; eles se utilizaram da memória e da imaginação para o desenvolvimento das organizações. Os resultados obtidos com a turma B voltaram para a lógica, com grande preocupação formal e busca de aperfeiçoamento – os alunos inseriam suas idéias nas idéias dos colegas buscando “melhorar” o trabalho (ver imagens 1 e 2).



Imagem 1 e 2. Organização de objetos. Tema: a turma. Observações: mesmo parecendo que a qualidade da organização é a mesma, os objetivos são bem diferenciados, a turma A organizou todos em volta de um bar (objetos em volta de uma carteira), à noite se divertindo e a turma B organizou-os da forma com que a própria turma se encontrava naquele momento, em círculo.

Através destas primeiras observações, começamos a desenvolver composições plásticas e corporais (através de tableaus) com as turmas e compará-las. Nas composições plásticas, feitas com recortes de revistas, as diferenças observadas foram: escolhas de temas mais abrangentes e despreocupação com a disposição dos elementos nas composições da turma A e a escolha de temas mais específicos na turma B; quanto à composição da turma B obtivemos dois resultados diferenciados, alguns alunos fizeram encaixes complexos com as figuras escolhidas e outros escolhiam uma única imagem e já a consideravam suficiente, pois olhavam para a composição da imagem já existente. Neste momento, tornou-se interessante observar que os alunos da turma A que fizeram trabalhos próximos aos apresentados pela turma B foram aprovados no segundo semestre para passar para esta turma e os alunos da turma B que desenvolveram trabalhos parecidos com os da turma A

tinham acabado de ingressar na turma – estas observações devem-se pelo fato da turma A ser composta de 1ª e 2ª séries e a turma B de 3ª e 4ª séries.

No encerramento do levantamento feito com os alunos, foi sugerido a eles fazer um trabalho de síntese, com o uso dos materiais plásticos utilizados durante o processo. Este trabalho foi desenvolvido com as duas turmas em uma mesma sala, recebendo os mesmos estímulos e as mesmas instruções. Foi notável a diferença nos resultados, os alunos da turma A desenvolveram composições com o uso do material que eles mais tinham gostado de trabalhar durante o processo e também muitos deles usaram o lápis de cor e o giz de cera, que eram materiais que não tinham sido usados nos trabalhos anteriores e por isso ainda não tinha sido experimentado por eles, enfim, o trabalho de síntese se perdeu em meio à experimentação. Com a turma B o resultado partiu realmente da elaboração de uma síntese final (ver imagens 3 e 4).



Imagem 3 e 4. Fechamento da pesquisa. Tema: escolhido por eles, sendo que deveriam sintetizar as experiências vividas durante o processo. Observações: a imagem 1 feita por um aluno da turma A, o material utilizado foi somente o giz de cera, ele desenhou um patinho e gostou tanto que usou-o de molde para fazer outros, a linha do horizonte aparece mas não é respeitada; a imagem 2, feita por um aluno da turma B, utilizou-se de recortes, tintas e canetinhas, percebe-se maior elaboração temática e o estabelecimento da linha do horizonte. A imagem 1 tem um caráter imaginativo e a 2 um caráter mais realista.

Percebe-se, entre as turmas, uma diferenciação quanto à maneira como se desenvolve o processo criativo: a turma A se relaciona com a espontaneidade e a experimentação e a turma B com a criatividade e a elaboração. É interessante e instigante perceber uma diferença muito bem delineada entre turmas que possuem pouca diferença em seus níveis de aprendizagem, Piaget afirma a existência destas diferenças: “*O desenvolvimento da inteligência é uma criação continua. Cada estágio do desenvolvimento produz algo radicalmente novo, muito diferente do que existia antes. Desse modo, todo o desenvolvimento é caracterizado pelo aparecimento de estruturas totalmente novas.*” (Piaget, 1972: p. 13).

Ao se propor a produção de composições plásticas (seja com objetos, com recortes ou com o próprio corpo), percebe-se na turma A, características mais despreocupadas, escolhas de temas mais simples e abrangentes, presença do imaginário e grande necessidade experimental; eles são rápidos e espontâneos na produção. Já com a turma B outras características podem ser levantadas, tais como, uma preocupação formal e lógica, escolha de temas mais complexos e particulares, grande criatividade e um maior processo de reflexão; eles necessitam de uma elaboração anterior à produção, assim como expor verbalmente o seu processo após finalizá-lo. Dentro destas comparações, nos deparamos com idéias levantadas por João Francisco Duarte Junior (1981), que coloca o processo de crescimento mental como uma função abstrata, na medida em que os símbolos vão adquirindo significados diferentes e cada vez mais complicados; Piaget também diz que “*a criação do novo ocorre devido a um processo de abstração (mental) reflexiva.*” (Piaget, 1972: p.15). Enquanto os alunos entram em contato com a linguagem escrita, os símbolos matemáticos e diversos conceitos, eles começam a estabelecer e decodificar símbolos em seu meio cultural. Ao falar de abstração reflexiva Piaget divide-a em reflexão física, onde o agir precede o refletir – este tipo de reflexão é muito visível em crianças

não escolarizadas e em nossa turma A; e a reflexão mental, onde se questiona primeiramente, pensando no conceito maior em que se encontra a ação – esta percebida em grande parte da turma B.

É importante ressaltar a inexistência de qualquer juízo valorativo na comparação estabelecida entre as duas turmas, mas somente a necessidade de levantar aspectos característicos do processo de formação escolar. Buscou-se afirmar o crescimento cognitivo e representativo, devido à possibilidade da presença escolar na vida destes adultos; mas um grande erro seria apontar uma idéia de evolução. A antítese também pode ser verificada: podemos perceber na turma B um grande medo do espontâneo (medo de errar), uma autonomia que os leva a um individualismo, assim como pouca abertura emocional-afetiva. É como se a educação, assim como tudo que se transforma em processo de cognição para um indivíduo, tivesse um caráter ambíguo. Isto nos afirma Duarte Junior: *“a linguagem se constitui na ferramenta primordial do homem para a construção do mundo; através dela o ser humano adquire poder suficiente para agir no meio, ordenando-o e compreendendo-o. Mas, por outro lado, observamos que a linguagem molda a nossa maneira de pensar, sentir e agir... São as duas faces da moeda humana: elas constituem essa estranha dialética que rege nosso processo de conhecimento. Podemos usar a nossa linguagem para conhecer e dominar o mundo somente após termos sido socializados por ela”* (Duarte Jr., 1981: p.42). Concluiu-se, então, que a aprendizagem constrói estruturas complexas de pensamento, facilitando a criatividade e ampliando o repertório do indivíduo, entretanto, ela acaba por interferir na espontaneidade e na experimentação, afirmando a existência de certo/errado; esta ambigüidade é refletida na maneira do homem se expressar e se relacionar com a arte e o mundo.

Terminada a pesquisa, deu-se início a um novo processo com as turmas: utilizar-se da própria arte para trabalhar as características levantadas, dialogando elaboração e improvisação, espontaneidade e criatividade. Apesar desta nova experiência ainda estar em processo, percebe-se neste momento uma relação muito mais prazerosa com a arte em ambas as turmas, pois a espontaneidade, na turma A, limitava a apreciação artística e a própria maneira do aluno se ver como indivíduo criativo e transformador (ver imagem 5); já com a turma B, a elaboração rompia o prazer e o lúdico presente nas atividades, assim como impedia a improvisação (ver imagens 6).



Imagem 5. Reflexão sobre o poema No Caminho de Carlos Drummond Andrade. Após discutirmos sobre o poema, desenvolvemos trabalhos corporais, os alunos conversaram sobre as “pedras” que tiveram em seus caminhos, inventaram histórias e finalizaram realizando um trabalho de transformação de pedras em obras plásticas.

Imagem 6. Gesto e cor. Os alunos escolheram uma imagem de jornal, colaram em uma folha branca, escolheram cores de tinta que melhor expressavam suas percepções sensíveis sobre a imagem escolhida e usaram as tintas para cobrir o desenho escolhido (o trabalho foi feito depois de apreciarmos obras de Ferreira Aguiar).



Enfim, a pesquisa desenvolvida com Educação de Jovens e Adultos de 1ª a 4ª série de uma escola municipal de São Paulo, analisou comparativamente a influência da aprendizagem escolar – a alfabetização, o processo de construção do pensamento abstrato e reflexivo – na criação artística de duas turmas: A (1ª e 2ª séries) e B (3ª e 4ª séries). Ofereceram-se às turmas as mesmas propostas

plásticas e corporais, buscando-se a exploração, leitura e compreensão de imagens através do desenvolvimento de noções de organização, síntese e composição. Destas propostas, características diferenciadas foram levantadas quanto ao fazer/apreciar artístico de cada uma das turmas. Concluiu-se que o aprendizado escolar estimula a elaboração, conceitualização e simbolização da expressão do indivíduo, entretanto, esta mesma educação restringe a experiência espontânea, o improviso e o risco. Assim, reavaliar os métodos e caminhos que constituem a realidade da formação escolar atual faz-se necessário para conseguirmos obter um diálogo mais intenso entre conhecimento e prazer.

#### **Referências Bibliográficas:**

DUARTE JUNIOR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1981.  
PIAJET, J. **Criatividade**. In VASCONCELOS, M. (org.) **Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo: Moderna, 2001.

**Bolsa:** estágio-pesquisa.